

# Que Europa Quer a França?

Teresa de Sousa\*

*A leitura deste livro é indispensável para quem queira entender os dilemas que justificam o ensurdecedor silêncio francês sobre a Europa.*

O que quer a França da Europa? Que Europa quer a França? As duas perguntas tornaram-se incontornáveis em qualquer debate sobre o futuro do projecto europeu, em qualquer análise sobre a “crise existencial” em que hoje se encontra a União Europeia. E nem poderia ser de outra maneira, tal foi o papel que a França desempenhou no processo de construção da Europa desde a sua fundação até ao início da década passada.

Dez anos depois da unificação alemã e do fim do mundo bipolar, o silêncio francês sobre a Europa não pode ser explicado pelo calendário eleitoral ou, sequer, por alguma crise interna de proporções paralisantes.

O problema é mais profundo. Traduz a crise de adaptação a uma realidade internacional radicalmente nova que subverteu os parâmetros fundamentais em que assentava a sua relação com o mundo e o seu papel na Europa. A ideia de que a França tinha um papel específico e único a exercer no mundo – parte integrante da sua própria identidade nacional – parece ver-se hoje posta em causa por um poderoso e irreversível movimento de globalização que, quase sempre, vai contra as suas tradições políticas e

culturais e que a obriga a um esforço “excepcional” de adaptação.

É esta crise de natureza “existencial” que Hubert Védrine assume por inteiro com uma lucidez e uma inteligência notáveis ao longo de 200 páginas de diálogo com Dominique Moïsi. O primeiro é desde há quatro anos o ministro dos Negócios Estrangeiros da França. O segundo, o director-adjunto do IFRI (Instituto de Relações Internacionais) e columnista regular de vários jornais europeus. A obra foi editada no ano passado pela Fayard sob o título *Les Cartes de la France – à l'Heure de la Mondialisation*. A sua leitura é indispensável para quem queira entender os dilemas que justificam o ensurdecedor silêncio francês sobre a Europa.

*A França parece não ter a certeza de que a Europa para onde conduz a dinâmica do alargamento seja a Europa que serve melhor os seus interesses mundiais.*

Como pode uma “potência de influência mundial” compatibilizar a sua política externa com a PESC? Como pode um país que se habituou a pensar-se como portador de uma “missão civilizadora universal” aceitar as regras de um mundo que é cada vez mais anglo-saxónico, protestante, ultraliberal, mais dependente do papel “uni-



versal” e “indispensável” da América? Como pode um país que foi simultaneamente ocidental e charneira entre o Ocidente e o Leste reencontrar o seu lugar num mundo que passou a ser unipolar? Como pode um país que se habituou a liderar politicamente o projecto europeu e a vê-lo como um “multiplicador de influência” fiável, aceitar uma União alargada a 27 ou mais países, cujas fronteiras se diluem numa geografia de contornos vagos?

Para que a mundialização não se transforme na lei do mais forte, a França reclama mais regras. Mas a questão está, como diz Védrine, em saber quem vai elaborar estas regras. O Conselho de Segurança? O G-8? A OMC?

\* Jornalista do *Público*

O FMI? A União Europeia? Ou, por outras palavras, em qual destas instituições internacionais pode a França exercer melhor a sua influência?

Aparentemente, a resposta seria óbvia. Não é isso que decorre da leitura deste livro. Justamente porque a França parece não ter a certeza de que a Europa para onde conduz a dinâmica do alargamento seja a Europa que serve melhor os seus interesses mundiais.

A Europa deixou de ser para a França, com a perspectiva do alargamento, um “multiplicador de influência.” Numa UE mais alargada, “o ponto de equilíbrio” entre influências e instituições é menos evidente, as relações menos harmoniosas, os resultados menos previsíveis, “menos próximos” do interesse da França. A questão alemã é talvez a única que o ministro francês evita tratar com a mesma clareza.

Védrine reconhece também que não faz hoje sentido uma Europa construída contra os EUA, quanto mais não seja porque não é essa a vontade dos seus principais parceiros europeus (a nova dimensão militar da UE é a prova do “realismo” francês neste domínio). Mas Védrine não parece abdi-

car da ideia de uma União que possa ter como “fronteira” o projecto de uma Europa-potência, que “conheça os seus limites geográficos e que estabeleça os seus limites geopolíticos.” Por isso é tão importante para Paris que a UE mantenha o controlo político sobre o processo de alargamento, realizando-o segundo a sua própria lógica e os seus próprios interesses. O cenário alternativo é a tendência irreversível para o modelo “escandinavo” de uma “Europa-espaço” destinada a apenas exercer no mundo a influência do seu exemplo. Moralmente satisfeita mas politicamente impotente.

Finalmente, a questão que está no cerne do debate europeu é: que modelo institucional pode dar à França as melhores garantias? Perante as duas “famílias de soluções” – dos pragmáticos, que apenas querem garantir que, na Europa alargada do futuro, haja a margem de manobra suficiente para os Estados

**Hubert Védrine**  
dialogue avec  
Dominique Moïsi

## Les cartes de la France à l'heure de la mondialisation

Fayard

*Hubert Védrine; dialogue avec Dominique Moïsi*  
Les cartes de la France à l'Heure de la Mondialisation  
Éditions Fayard, Maio 2000

“que queiram fazer mais em conjunto”; dos federalistas, que assumem uma Europa a duas velocidades –, Védrine prefere naturalmente a primeira. E admite que esta vai ser a decisão fundamental dos próximos anos. □